

Cerimônia de premiação com a **MEDALHA DE CONSERVAÇÃO DUQUE DE EDINBURGO**.

NOMINATA

Sua Alteza Real, Duque de Edimburgo;
Vossas Excelências;
Senhoras e senhores;

Minha primeira palavra é de agradecimento e emoção pela carinhosa acolhida. Orgulha-me compartilhar os valores da cultura, do humanismo e do respeito à natureza com aqueles que souberam ir além do seu tempo – e além do tempo das instituições – para abraçar a grande causa da defesa da Terra. Defesa essa que nada mais é que o respeito às bases da vida, das quais depende o presente e o futuro de toda humanidade.

Somos todos peregrinos de um mesmo destino.

Esta cerimônia é um momento muito especial deste caminho. Estamos juntos, num encontro que ilustra a característica mais marcante e promissora de nosso tempo: a aproximação de homens e mulheres de todas as partes do planeta. A união de culturas, raças e crenças por meio da consciência do papel que cada indivíduo e cada grupo tem na conquista de um novo marco civilizatório tão bem representado pelo cuidado com a nossa casa comum.

Sinto-me abrigada e agradecida pela honra de me incorporar a ilustres companheiros e companheiras desse trajeto.

Entre eles, o Chefe Emeka Anioku – Presidente do WWF Internacional; o Sr. James Leape – Diretor Geral do WWF Internacional; e a Sra. Denise Hammu – Secretária-Geral do WWF Brasil.

Quero cumprimentá-los pela inestimável contribuição que a WWF tem dado para o avanço da consciência ambiental em todas as partes do mundo. Sua ação criou um idioma próprio de entendimento entre os povos, sobretudo entre a juventude, interligando-os através da difusão de conhecimentos e de práticas comuns que hoje envolvem comunidades locais e influenciam projetos de conservação e uso sustentável nos mais diferentes países.

A outorga desta comenda – eu sei – ao mesmo tempo que representa uma homenagem às lutas das quais fui uma protagonista humilde, significa também uma convocação a novas responsabilidades.

Celso Furtado – um dos maiores economistas brasileiros e grande pensador da luta contra a pobreza e a desigualdade – dizia que a tarefa mais difícil de um processo de desenvolvimento é criar valores. Como humanista, Furtado encarava a economia como um meio e não um fim. Exatamente como todos nós não nos cansamos de repetir há várias décadas, quando pregamos a necessidade de que o processo de desenvolvimento tenha sustentabilidade social, econômica, cultural e ambiental, e um claro compromisso intergeracional.

Neste momento, em que o dinheiro desregulado lança um grito de socorro à sociedade, é hora de recolocar a coordenação do desenvolvimento no centro da agenda mundial.

De certa forma essa crise, que a todos inquieta e atinge, confirma a urgência daquilo que o movimento ambientalista preconiza: chegou a hora de transformar o interesse coletivo, e a sobrevivência do planeta, no centro das iniciativas internacionais.

O poder persuasivo de uma crise sistêmica, minhas senhoras e meus senhores, infelizmente é várias vezes superior ao de bibliotecas inteiras do bom-senso e da Razão.

É preciso reformar os mecanismos de controles. Reconstruir sua agenda e suas prioridades. Dar transparência efetiva ao seu funcionamento para que possam contribuir no grande esforço de contenção dos desatinos e excessos que colocam em risco o destino de milhões de pessoas em todos os países.

Sua Alteza, minhas senhoras e meus senhores,

O que se pede de nós nesse momento não é uma receita pronta de expansão do sistema econômico, mas a consolidação de novos trilhos pelos quais deve transitar o futuro da humanidade.

Se a prerrogativa do interesse público se impõe, com urgência, no circuito do dinheiro, maiores razões existem para reforçar sua pertinência como alicerce do bem comum, representado pelos valores da solidariedade e do respeito ao patrimônio ambiental planetário.

Está claro que a desregulação predominante nas últimas décadas mostrou-se inoperante para prevenir crises financeiras e para assegurar uma trajetória sustentável de interação harmônica entre a sociedade e a natureza. Também fracassou no que diz respeito à situação insustentável de populações que sofrem simultaneamente a tragédia da extrema pobreza e a destruição ambiental, que lhes tira os meios naturais de alimentação e sobrevivência.

Vivemos, portanto, um momento divisor para o futuro da cooperação internacional.

Pensar uma estratégia conjunta para enfrentar a tríplice agenda que nos desafia implica, portanto, buscar um maior equilíbrio entre países pobres e ricos; maior racionalidade na destinação produtiva dos recursos disponíveis e a construção de um modo de vida sustentável, a começar pela matriz energética do século XXI.

São, repito, agendas interligadas e complementares.

Reciclar os paradigmas da civilização soava como um estandarte insensato até há poucas décadas. Todos nós que aqui estamos certamente temos uma história para contar, de como chegamos ao engajamento em causas sociais e ambientais e como esse caminho foi transformador em nossas vidas. E também teremos um olhar muito próprio, relacionado a essa história, sobre o significado de estarmos juntos hoje. Preocupados com uma conjuntura de muitos riscos, mas, ao mesmo tempo, cada vez mais convictos de estarmos no rumo certo. Mais do que isso, no rumo que pode ser a grande inflexão da humanidade, na busca de saída para os impasses a que nos conduziram a insensatez e a falta de precaução.

Na minha história, a tradição cultural dos extrativistas e dos povos indígenas da Amazônia brasileira sempre foi um norte, um ponto de referência existencial que está sempre presente comigo quando preciso me situar diante de uma dificuldade ou da necessidade de tomar uma decisão. E nessa tradição, a existência da floresta

nunca foi vista como um problema, mas sempre como uma solução.

Nunca víamos nosso modo de vida como algo que poderia vir a se beneficiar da destruição da floresta, porque sabíamos que ela nos fornecia, em qualquer circunstância, os meios de sobrevivência. Chico Mendes transformou essa sabedoria dos povos da floresta em força política, quando entendeu, nos anos 80 do século passado, que o avanço da economia tradicional predadora sobre a floresta jamais poderia nos trazer vantagens, como nos diziam. Porque juntamente com a floresta também seriam destruídas nossa cultura e nossa identidade.

Chico Mendes foi assassinado mas ainda hoje este ensinamento simples é necessário e vital porque contém um princípio universal e um grande ensinamento. O primeiro é o da convivência respeitosa com o ambiente natural, seja ele uma pequena parte da floresta amazônica, seja todo o planeta.

O segundo, de que não há proteção ambiental sem justiça social e sem alternativas econômicas sustentáveis.

Esse ensinamento foi nossa bússola à frente do Ministério do Meio Ambiente no governo do Presidente Lula, durante mais de cinco anos. Acumulamos conquistas e fixamos marcos de referência que representam conquistas da sociedade brasileira.

Na Amazônia brasileira conseguimos reduzir a taxa de desmatamento em cerca de 57% de 2005 a 2007. Evitamos assim que 500 milhões de toneladas de CO₂ fossem lançados na atmosfera.

Criamos mais de 240 mil km² de unidades de conservação nas áreas mais críticas da floresta. Novas instituições públicas foram implantadas, preenchendo uma lacuna histórica na proteção e uso sustentável da biodiversidade.

Foi assim que surgiu o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e o Serviço Florestal Brasileiro. Implantamos, ainda, um avançado sistema de monitoramento, que emite informações quase em tempo real e permite um ajuste permanente nas medidas de proteção inerentes à gigantesca tarefa de proteger a maior floresta tropical do planeta. Além disso, mantém a sociedade informada e mobilizada para apoiar ações emergenciais.

Com o Programa Áreas Protegidas da Amazônia (Arpa), uma parceria ente o governo brasileiro e o WWF, temos a meta de incorporar 60 milhões de hectares de floresta em sistemas de proteção de vários tipos. Trata-se da maior iniciativa de cooperação do gênero no mundo, tanto pelo tamanho da área a ser protegida, quanto pelo volume de recursos envolvidos, estimados em US\$ 400 milhões em dez anos. Desde a

criação do Arpa, 32 milhões de hectares de Unidades de Conservação já foram criadas.

Ainda no âmbito da cooperação internacional, temos nos empenhado em estruturar três importantes propostas: a redução do desmatamento e a implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável na Amazônia; a criação do regime internacional de acesso aos recursos da biodiversidade com justa partilha de benefícios; e a criação de um fundo para outorgar incentivos positivos às reduções de emissões de gases de efeito estufa decorrentes da supressão de florestas tropicais - o Fundo Amazônia.

Este ajudará significativamente na adoção do novo modelo de desenvolvimento, baseado na conservação da biodiversidade e no respeito às populações tradicionais.

Sua Alteza, senhoras e senhores,

Encerro, reafirmando minha convicção de que vivemos no presente uma soma de urgências que nos coloca diante de decisões impostergáveis das quais depende nossa sobrevivência neste planeta.

No século XXI, não há mais destino isolado, nem projeto que não seja compartilhado. Nada do que se fizer contra uma parte da humanidade poderá ser chamado de progresso. Nada que destrua esperanças de um mundo melhor terá apoio e sustentação no coração dos povos e no metabolismo da natureza.

Nunca a humanidade esteve tão próxima de si mesma. Nunca foi tão forte o anseio por um denominador comum de valores humanistas de cooperação e desenvolvimento sustentável. Nunca o diálogo foi tão intenso entre as experiências que emprestem fisionomia e movimento às grandes transformações clamadas pela voz da história. Nunca precisamos tanto de co-autoria para escrever nossas histórias, sejamos nós nações ricas ou pobres.

Diálogo e cooperação – eis o antídoto ao medo que represa o futuro.

Construir uma frente comum dos que acreditam que a paz não está pronta, que a justiça não é efetiva, que a liberdade humana ainda é restrita – e que a natureza representa mais que o livre usufruto de recursos ilimitados colocados a nossa disposição: eis a grande tarefa que nos une. Ontem, poucos; hoje, milhões. Amanhã, teremos o resultado do compromisso intergeracional que tivermos a coragem de assumir agora.

Permitam-me encerrar com a leitura de um curto poema que fiz e que expressa, creio, o sentimento de urgência do nosso tempo:

Encorajada pela alegria de, pela primeira vez, poder pisar no mesmo chão que um dia pisou John Donne, deão da Catedral de São Paulo.

Homem que muito sabiamente nos admoestou dizendo que não procurássemos saber por quem os sinos doam, posto que, eles doam por cada um de nós.

Permitam-me encerrar com a leitura de um curto poema que fiz numa quase oração pelo amparo, uma espécie de reconhecimento de nossas fragilidades, diante de Deus, de nós mesmos e da natureza.

Uma confissão de que nós os seres humanos só temos chance quando nos dispomos sustentar e ser sustentado pelo outro em coexistência, dependência e autoria.

Suplica ao amparo

Por que viemos do po
Precisamos da agua para nos tornar massa

Por que viemos do po
Precisamos do oleiro para nos tornar vasos

Por que viemos do po
Precisamos do fogo para adquirir firmeza

Por que viemos do po
Precisamos do sopro para adquirir espirito

Por que viemos do po
Precisamos do verbo mais do que de pao

Por que viemos do po
Precisamos da cruz para ligar ceu e chao

Quando estivermos no po
Levanta-nos por sua mao